opusdei.org

Para mim, viver é Cristo (1): Na alegre esperança de Cristo. A fé no Amor de Deus

Deixar que o amor de Deus nos toque, deixar que Cristo olhe para nós. A esperança abre um mundo diante de nós, porque se fundamenta no que Deus quer fazer em nós.

04/12/2017

Descarregar o livro completo **«Para mim, viver é Cristo»**

Que torna a vida valiosa? Que faz com que a *minha* vida seja valiosa? No mundo atual, a resposta a essa pergunta com frequência gira à volta de dois polos: o sucesso que somos capazes de alcançar e a opinião que os outros têm de nós. É claro que não são questões banais: a opinião alheia tem consequências na vida familiar, social e profissional. O sucesso é a expetativa lógica daquilo que empreendemos. Ninguém faz seja o que for com o objetivo de fracassar. No entanto, às vezes, aparecem pequenas ou não tão pequenas derrotas na nossa vida, ou outros podem formar uma opinião sobre nós em que não nos sentimos refletidos.

A experiência do fracasso, do desconsideração, ou a consciência da própria incapacidade – já não só no mundo profissional, mas até no esforço de viver uma vida cristã – podem levar-nos ao desânimo, ao desalento, e, em último termo, à desesperança.

Na atualidade, a pressão por ter sucesso em diferentes níveis, por ser *alguém,* ou, pelo menos, por podermos *dizer que somos alguém* é mais forte que noutras épocas. E, na realidade, em vez do que nós *somos* – filho, mãe, irmão, avó –, o foco está posto no que *somos capazes de fazer*. Por isso, hoje estamos mais vulneráveis aos vários tipos de derrotas que a vida costuma trazer consigo: contratempos que antes se resolviam ou se suportavam com fortaleza, hoje causam com frequência uma tristeza ou frustração de fundo, desde idades muito precoces. Nesse mundo com

tantas expetativas e desilusões, é possível então viver, como propunha São Paulo, «alegres na esperança» (Rm 12, 12)?

Na sua carta de fevereiro, o Prelado do Opus Dei dirige o olhar à única resposta verdadeiramente lúcida a essa pergunta. Uma resposta que se ergue com um sim decidido: «fazei, Senhor, que a partir da fé no vosso Amor vivamos cada dia com um amor sempre novo, numa alegre esperança»[1]. Ainda que, às vezes, a falta de esperança possa parecer "menos ingénua", só o será se fecharmos os olhos ao Amor de Deus e à sua permanente proximidade. O Papa Francisco recordava-nos isso numa das suas catequeses sobre a esperança: «A esperança cristã é sólida, eis porque *não desilude*. (...) Não está fundada sobre o que nós podemos fazer ou ser, e nem sequer naquilo em que podemos acreditar. O seu fundamento, ou seja, o

fundamento da esperança cristã é o que de mais fiel e seguro pode existir, isto é, o amor que o próprio Deus alimenta por cada um de nós. É fácil dizer: Deus ama-nos. Todos nós dizemos isso. Mas pensem um pouco: cada um de nós é capaz de dizer: estou convencido de que Deus me ama? Não é tão fácil dizê-lo. Mas é verdade»[2].

A grande esperança

Na sua pregação e nas suas conversas, São Josemaria contemplava muitas vezes a vida dos primeiros cristãos. A fé era para eles, mais do que uma doutrina a aceitar ou um modelo de vida a realizar, o *dom* de uma vida nova: o dom do Espírito Santo, que havia sido derramado nas suas almas depois da ressurreição de Cristo. Para os primeiros cristãos, a fé em Deus era objeto de experiência e não só de adesão intelectual: Deus era uma

Pessoa realmente presente no seu coração. São Paulo escrevia aos fiéis de Éfeso, referindo-se à sua vida antes de conhecer o Evangelho: «lembrai-vos de que naquele tempo estáveis sem Cristo, sem direito da cidadania em Israel, alheios às alianças, sem esperança da promessa e sem Deus, neste mundo» (Ef 2, 11–12). Com a fé, por outro lado, tinham recebido a esperança, uma esperança que «não engana. Porque o amor de Deus foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado» (Rm 5, 5).

Ao longo de vinte séculos, Deus não deixa de chamar-nos a esta “grande esperança”, que relativiza todas as outras esperanças e deceções. «Precisamos de esperanças – menores ou maiores – que, dia após dia, nos mantenham a caminho. Mas, sem a grande esperança que deve superar tudo o resto, aquelas não bastam. Esta grande esperança só

pode ser Deus, que abraça o universo e nos pode propor e dar aquilo que, sozinhos, não podemos conseguir»[3].

É bom considerar se nos *habituámos* à realidade de um Deus que salva – um Deus que vem encher-nos de esperança –, até ao ponto de, às vezes, ver isso apenas como uma ideia, que não tem força real na nossa vida. A Cruz, que parecia um grande fracasso aos olhos dos que tinham esperança em Jesus, tornou-se, com a Ressurreição, o triunfo mais decisivo da história. Decisivo, porque não se trata de um êxito só de Jesus: com Ele todos vencemos. «E esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé» no Ressuscitado (1Jo 5, 4). Os discípulos de Emaús olhavam o passado com saudades. “Nós esperávamos”, diziam (Lc 24, 21): não sabiam que Jesus caminhava com eles, que abria para eles um futuro apaixonante, à prova de qualquer outro desengano. «Aviva a

tua fé. – Cristo não é uma figura que passou. Não é uma recordação que se perde na história. Vive! '*Jesus Christus heri et hodie: ipse et in saecula!*', diz São Paulo. Jesus Cristo ontem e hoje e sempre!»[4].

Deixar-nos tocar pelo amor de Deus

São Paulo descrevia assim a raiz da vida cristã: «É que eu pela Lei morri para a Lei, a fim de viver para Deus. Estou crucificado com Cristo. Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. E a vida que agora tenho na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus que me amou e a si mesmo se entregou por mim» (Gal 2, 19-20). Para o Apóstolo, o cristianismo consiste, em primeiro lugar, na realidade de que Cristo morreu por nós, ressuscitou e, do Céu, enviou aos nossos corações o seu Espírito Santo, que nos transforma e abre os nossos olhos para uma vida nova. «Quem é

atingido pelo amor começa a intuir em que consistiria propriamente ‘vida’. Começa a intuir o significado da palavra esperança»[5]. Como à samaritana, a Maria Madalena, a Nicodemos, a Dimas, aos discípulos de Emaús, Jesus dá-nos um novo modo de olhar: de olhar-nos a nós mesmos, aos outros e a Deus. E somente a partir deste novo olhar que Deus nos dá, o esforço por melhorar e a luta por imitá-l'O têm sentido: vistos por si mesmos, estas duas coisas seriam «vaidade e vento que passa» (Ecl 2, 11), um empenho inútil.

Ao morrer na Cruz «por nós homens e pela nossa salvação»[6], Cristo livrou-nos de uma vida de relação com Deus concentrada em preceitos e limites negativos. Libertou-nos para uma vida feita de Amor: «e vos revestistes do homem novo, aquele que, para chegar ao conhecimento, não cessa de ser renovado à imagem

do seu Criador» (Cl 3, 10). Trata-se, então, de *conhecer* o Amor de Deus e de *deixar*-se tocar por Ele, para retomar – a partir dessa experiência – o caminho para a santidade. Encontrar Deus e deixar-nos transformar por Ele é o essencial. Pouco depois da sua eleição, o Prelado do Opus Dei recordava-nos: «quais são as prioridades que Nosso Senhor nos apresenta neste momento histórico do mundo, da Igreja e da Obra? A resposta é clara: em primeiro lugar, cuidar da nossa união com Deus com delicadeza de apaixonados, partindo da contemplação de Jesus Cristo, rosto da Misericórdia do Pai. O programa de São Josemaria será sempre válido: 'Que procures a Cristo. Que encontres a Cristo. Que ames a Cristo'»[7]. A união com Deus permite-nos viver a Vida que Ele nos oferece. Procurar o rosto de Cristo, e deixar-nos olhar por Ele é um caminho

esplêndido para aprofundar nessa vida de Amor.

Deixar Cristo olhar para nós

Jesus Cristo é o *rosto* da Misericórdia de Deus, porque n'Ele Deus nos fala com uma linguagem à nossa medida: uma linguagem à escala humana que vem ao encontro da sede do amor fora de toda escala que Ele mesmo colocou em cada um de nós. «E tu, já sentiste alguma vez pousar sobre ti este olhar de amor infinito que, para além de todos os teus pecados, limitações e fracassos, continua a confiar em ti e a olhar com esperança para a tua vida? Estás consciente do valor que tens diante de um Deus que, por amor, te deu tudo? Como nos ensina São Paulo, assim "Deus demonstra o seu amor para connosco: quando ainda éramos pecadores é que Cristo morreu por nós" (Rm 5, 8). Mas compreendemos

verdadeiramente a força destas palavras?»[8].

Para descobrir o rosto de Jesus, é necessário percorrer o caminho da adoração e da contemplação. «Que doce é estar diante de um crucifixo, ou de joelhos diante do Santíssimo e simplesmente ser diante de seus olhos! Quanto bem nos faz deixar que Ele volte a tocar nossa existência e nos lance a comunicar a sua nova vida!»[9]. Trata-se, como dizia o Papa noutra ocasião, de «olhar Deus, mas acima de tudo [de] sentir-se olhado por Ele»[10]. Parece algo simples: *deixar-se olhar*, simplesmente *ser* na presença de Deus… Mas o certo é que, em um mundo hiperativo e saturado de estímulos como o nosso, isso nos custa terrivelmente. Por isso, é necessário pedir a Deus o dom de entrar no seu silêncio e de deixar que Ele olhe para nós: convencer-se, em suma, de que *estar* na sua presença já é uma oração maravilhosa e

tremendamente eficaz, mesmo se não tirarmos dela nenhum propósito imediato. A contemplação do rosto de Cristo tem em si mesma um poder transformador que não podemos medir com os nossos critérios humanos. «Ponho sempre o Senhor diante dos olhos, pois ele está à minha direita; não vacilarei. Por isso, o meu coração se alegra e a minha alma exulta, até o meu corpo descansará seguro» (Sl 15, 8–9).

O rosto de Jesus é também o rosto do Crucificado. Ao constatar a nossa fraqueza, poderíamos pensar, com um critério exclusivamente humano, que o dececionamos: que não podemos dirigir-nos a Ele como se não tivesse acontecido nada. No entanto, essas objeções desenham somente uma caricatura do Amor de Deus. «Há uma falsa ascética que apresenta o Senhor na Cruz enraivecido, rebelde. Um corpo retorcido que parece ameaçar os

homens: vós me quebrantastes, mas eu lançarei sobre vós os meus pregos, a minha cruz e os meus espinhos. Esses não conhecem o espírito de Cristo. Ele sofreu tudo quanto pôde – e, por ser Deus, podia tanto! – . Mas amava mais do que padecia… E, depois de morto, consentiu que uma lança Lhe abrisse outra chaga, para que tu e eu encontrássemos refúgio junto ao seu Coração amabilíssimo»[11].

Como São Josemaria compreendia o Amor que irradia o rosto de Jesus! Lá da Cruz, olha-nos e diz-nos: «Conheço-te perfeitamente. Antes de morrer, pude ver todas as tuas debilidades e misérias, as tuas quedas e traições… E conhecendo-te tão bem, tal como és, julguei que *vale a pena dar a vida por ti*». O olhar de Cristo é amoroso, afirmativo, *v*ê o bem que existe em nós – o bem que nós *som*os – e que Ele mesmo nos concedeu ao chamar-nos à vida. Um

bem digno de Amor, mais ainda, digno do Amor maior (cf. Jo 3, 16; 15, 13).

Caminhar com Cristo deixando marca no mundo

O olhar de Jesus ajudar-nos-á a reagir com esperança diante das quedas, dos deslizes, da mediocridade. E não é simplesmente porque sejamos bons assim como somos, mas também porque Deus conta com cada um de nós para transformar o mundo e enchê-lo do seu Amor. Também essa chamada está no olhar amoroso de Cristo. «Dir-me-ás: “Padre, mas eu sou muito limitado, sou pecador, que posso fazer?” Quando o Senhor nos chama, não pensa no que somos, no que éramos, no que fizemos ou deixámos de fazer. Pelo contrário: no momento em que nos chama, Ele está a olhar para tudo o que poderíamos dar, todo o amor que somos capazes de

contagiar. A sua aposta sempre é no futuro, no amanhã. *Jesus projeta-te no horizonte*, nunca num museu»[12].

O olhar de Cristo é um olhar do Amor, que *afirma* sempre a pessoa que está na sua frente e exclama: «É bom que existas, que maravilha ter-te aqui!»[13]. Ao mesmo tempo, conhecendo-nos perfeitamente, *conta connosco*. Descobrir essa dupla *afirmação* de Deus é o melhor modo de recuperar a esperança e de nos sentirmos novamente atraídos para cima, em direção ao Amor, e depois lançados ao mundo inteiro. Essa é, no fim de contas, a nossa segurança mais firme: Cristo morreu por mim, porque acreditava que valia a pena fazer isso. Cristo, que me conhece, confia em mim. Por isso, o Apóstolo exclamava: «Se Deus está por nós, quem pode estar contra nós? Ele, que nem sequer poupou o seu próprio Filho, mas O entregou por todos nós,

como não havia de nos oferecer tudo juntamente com Ele?» (Rm 8, 31-32).

Dessa segurança nascerá o nosso desejo de retomar o caminho, de lançar-nos ao mundo inteiro para deixar nele a marca de Cristo. Sabendo que, muitas vezes, tropeçaremos, que, nem sempre, conseguiremos realizar o que nos propusermos… Mas, no fundo, não é isso o que conta. O que importa é seguir em frente, com o olhar fixo em Jesus: "*expectantes beatam spem*" acordados e atentos à sua alegre esperança[14]. É Ele que nos salva e conta connosco para encher o mundo de paz e de alegria. «Deus criou-nos para estarmos de pé. Existe uma bela canção que os alpinos cantam quando sobem. A canção diz assim: "na arte de subir, importante não é não cair, mas sim não ficar caído"!»[15]. Em pé, alegres. Seguros. A caminho. Com a missão de incendiar "todos os caminhos da

terra com o fogo de Cristo” que levamos no coração[16].

---

[1] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 14/02/2017, n. 33.

[2] Francisco, Audiência, 15/02/2017.

[3] Bento XVI, *Spe Salvi*, n. 31.

[4] São Josemaria, *Caminho*, n. 584.

[5] Bento XVI, *Spe Salvi*, n. 27.

[6] *Missal Romano*, Símbolo niceno-constantinopolitano.

[7] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 14/02/2017, n. 30 (cf. *Caminho*, n. 382).

[8] Francisco, Mensagem, 15/08/2015.

[9] Francisco, *Evangelii Gaudium*, n. 264.

[10] S. Rubin, F. Ambrogetti, *Conversas com Jorge Bergoglio*, Edições Paulinas, Lisboa 2013.

[11] São Josemaria, *Via Sacra*, XII Estação, n. 3.

[12] Francisco, Vigília de oração, 30/07/2016.

[13] cf. J. Pieper, *Virtudes Fundamentais* , Ed. Aster, Lisboa 1960.

[14] *Missal Romano,* Rito de Comunhão.

[15] Francisco, Homilia, 24/04/2016.

[16] São Josemaria, *Caminho*, n. 1.

Lucas Buch

pdf | Documento gerado automaticamente a partir de https://

opusdei.org/pt-pt/article/na-alegre-esperanca-de-cristo/ (04/12/2025)